



IGREJA DE S. DOMINGOS

A igreja de S. Domingos em Lisboa

A nossa estampa representa o frontispício da igreja de S. Domingos em Lisboa, actualmente freguezia de Santa Justa, o mais vasto templo da capital, e que, ainda ha pouco, servio para a celebração das mais apparatusas festas religiosas, em quanto se faziam os reparos na Sé Patriarchal.

Sendo intenção nossa descrever com o maior desenvolvimento este magnifico templo, limitar-nos-hemos agora a apontar umas breves noticias antigas, que prendem com a historia de tão primorosa fabrica.

O convento dos religiosos da Ordem dos Pregadores, ou de S. Domingos, foi fundado primeiramente por el-rei D. Sancho II, o qual lançou em 1244 a primeira pedra nos alicerces. Em 1249 mandou el-rei D. Afonso III fazer a igreja; e mais tarde, el-rei D. Manoel mandou fazer o dormitorio.

É muito curioso o que refere fr. Luiz de Sousa, e vem a ser: que achara por memorias antigas, que por onde hoje é a cidade baixa vinha antigamente um esteiro de mar, com fundo bastante para receber navios. Affirma o mesmo elegante chronista que, na occasião de se abrirem uns alicerces para fazer um novo dormitorio no mencionado convento de S. Domingos, no anno de 1571, fora descoberta silharia de pedra bem lavrada, e de espaço em espaço grossas argolas de bronze, mostrando que houvera ali um caes, onde se amarravam navios. Muitas vezes entrou a

agoa no convento de S. Domingos, arrasando tudo quanto encontrava; e não eram somente as chuvas torrencias que faziam estragos, se não tambem o mar entrava pelos canos publicos, e talvez por cima das ruas. E agora... aquelle sitio, e toda a cidade baixa, são a mais bella porção da capital, e estão completamente preservadas de taes inconvenientes e perigos.

Os priores do convento foram pouco e pouco melhorando a edificação. Em 1724, graças a actividade do provincial Fr. Antonio do Sacramento, houve grandes aperfeicoamentos; e em 1748 foi edificada a capella-mór pelo risco de Ludovici, concluida depois por Belino de Padua, obra muito custosa, para a qual muito concorreu a liberalidade de el-rei D. João V.—Tudo isto foi destruido pelo terremoto de 1755 e incendio que se lhe seguiu; sendo tambem pasto das chammas ricos ornamentos, um consideravel numero de quadros, e uma livraria, rica de livros e de manuscritos.

Depois do terremoto foram restaurados pouco e pouco o convento e igreja. Daquelle, apenas nos cumpre dizer que foi, depois da extincção dos conventos, convertido em bellas casas de habitação que hoje aformoseiam aquelles sitios. Da igreja, da qual a nossa estampa apresenta o vistoso frontispício, havemos de fallar longamente em occasião opportuna.

AS CORTES PORTUGUEZAS ANTIGAS

Rápida noticia da sua natureza e constituição: e apontamentos de alguns pedidos dos povos.

(Continuado de pag. 161)

IX

Alguns pedidos dos povos revelam uma ingenuidade muito notavel.

Nas Côrtes de 1361 pediam providencias para que «as mulheres publicas morassem em logar apartado, e ellas e as barregadas trouvessem suas vestiduras e trajos por que podessem seer conhecidas das mulheres casadas e das outras que vivem honestamente.»

A resposta do soberano é muito curiosa: — «A este artigo mandamos que tragem suas vestiduras como as poderem aver, por que perderiam muito em panos que teem feitos e nos adubos (*fórros e quárnições*) que em elles tragem.»

Semelhantemente representáram «que dentro em algumas villas se levanta fogo, ou nos oliveas e ortas, ou lavores darredor dellas, ou arroido que entram emygos, ou contecem outras cousas semelhantes a esto: os clerigos que hi som, assi casados como de ordens meores e sagras nom querem sair com elles a apagar esse fogo, nem ajudar a defender as ribeiras e villas por hu dizem que os emygos veem; e que fosse nossa merce que lhes ouvessemos a esto remedio.»

El Rei respondeu, mandando «que os Clerigos casados sejam constrandos pera fazer estas cousas com os outros leigos, e se o fazer nom quiserem, as Justicias os costrandam pera ello, e quanto he nos Clerigos outros guardesse o que he direito e aguisado.»

— O capitulo das Côrtes de 1481 e 1482, que se intitula: *dos Judeus aljabebes*, pinta, ainda mais vivamente, a ingenuidade dos tempos antigos de Portugal.

Por extenso registraremos esse capitulo, por característico, — e a resposta do soberano, por muito discreta. Peco licença para não omittir uma só expressão: que de outra sorte perderiam todo o valor estes singelos documentos:

— «Senhor! tuim grande mal se faz polla soltura dos Judeos, que se vão cosser pollos montes alfaiaes e capateiros e doutros officios, e pollos casaaces, onde ficam com as mulheres e filhas, e acemtee dormirem com ellas e emprenham dos Judeos, que he muito desserviço de Deus e injuria elle e sua santa fe catollica. Seja vossa merce de evitardes tanto mall, e defendee que os Judeos nam vão pollos montes e casaaces e aldeas lavar de seus officios, e stem nos lugares onde moram em suas Judarias e ali os venham buscar aquelles que os mester ouverem em seus officios mecanicos, e farees serviço a Deus, e a vossos povos merce.»

A resposta de el rei é muito judiciosa:

— «Responde elRey que elle ha por proveito do povoo dos semelhantes aljabebes andarem pollos montes husando de seus mesteres, por que os lavradores nom sejam estorvados de seus trabalhos em os irem buscar. E quanto aos males que apontam, que quando em particollar tall cousa souberem, que o façom saber aas Justicias pera sobre ello proveerem segundo o caso merecer.» —

— Já em 1361 se tinham queixado os povos, no

mesmo sentido, isto é, com referencia á honra das mulheres, mas enquanto a outras classes muito superiores.

Diziam os povos, «que quando acontece chegar El-Rei a algum logar, ou os Infantes, os Mestres, os Ricos homens, e outros poderosos, hu ha viuas que vivem honestamente, e outras molheres que nom teem hi seus maridos, pousam com ellas, e taes hi ha que por esta razom guaanham maa nomeada.»

Mas estes poderosos, não só faziam perder a reputação ás mulheres viuas e ás casadas, senão tambem exercitavam mais de uma violencia e abuso da propriedade alheia. Assim mencionavam tambem os povos «lhes pousam nas adegas e fazem dellas cavalharicas, e nos celeiros de pam e dos outros averes.»

— São innumeradas, e muito graves as queixas que os povos fazem contra os fidalgos, prelados, mestres, mosteiros, ordens e cavalleiros em suas jurisdicções. (1481-1482.)

Recolhiam em suas terras, villas, ou fortalezas os ladrões, matadores, e outros muitos malfetores, a quem a justiça perseguia, e os favoreciam, sustentavam e amparavam *em suas maldades e peccados*, diziam os povos, *per omde se perverte vossa justiça*.

Pediam emprestadas muitas cousas e nunca as restituíam, nem pagavam. Ouçamos, neste capitulo, os povos, e indignar-nos-hemos da prepotencia e criminoso procedimento daquelles poderosos:

— «Outro sim, Senhor, teem praticas pouco honestas a serviço de Deus e vosso, em grande dano e oppressom do povoo, que so collor demprestido (*a titulo de emprestimo*) geeralmente lhe requerem pam, vinho, dinheiro, ouro, prata, gaa-dos e outras muitas cousas as quaaes nunca mais sam pagas. E se lhas requerem, metem nos em prisoes, e lhes fazem agravo per desvairadas maneiras. E se lhas emprestar nom querem, premede-lhes as molheres e filhos atee que lhes dam ho que pedem.»

Recolhiam os moios de suas rendas, e os guardavam muito bem guardados; neste meio tempo comiam o pão dos lavradores, tomando o pelo preço que elles — poderosos — estipulavam: «E des que veem a terra mingoada mandam abrir seus cilleiros nos preços que querem, e se os nam acabam de vender, ho que fica repartem-no pellos moradores das terras, e ainda que o nom queiram lho fazem tomar nos preços que lhes apraz, o que he contra reezam e justiça.»

Allegavam privilegios, e á sombra delles tomavam o que queriam, e aproveitavam serviços gratuitos, ou por diminuta paga. Os povos sabiam exprimir energicamente os seus agravos, e diziam neste capitulo:

— «Outrosi, Senhor, outro modo de tyranisar trazem, dizendo que teem em suas terras tomadias (*direito de tomar mantimentos, roupas etc. sem os pagar*), e com este achaque (*pretexto*) tomam todo o que querem, e fazem os homees servir em suas obras, e levam que coimam de suas cassas, sem lhes pagarem cousa allguuma. E se allguuns recebem paga, he tam pouca, que nom he a terça parte do que merecem.» —

Excede todos os limites da prepotencia o vexame feito pelos poderosos aos lavradores, qual o vemos exposto no seguinte capitulo:

— «Outrosi, Senhor, teem em suas terras outro moodo de fazer mal, que per força fazem trazer per cabeça a seus lavradores e moradores a sua propria despeza trigo e cevada quanto querem a quatro e cinco legoas onde elles estam pollos preços que lhes apraz, dos quaes nunca ham pagamento. E por esto, Senhor, elles e suas molheres e filhos padecem fome e gemem todos. E assi lhes fazem levar em suas bestas e aas suas proprias despezas aos portos do mar per vendem per ho pam que elles senhores teem de suas rendas, no que recebem muita perda, porque afora o que gastam hindo fora de sua cassa perdem geiras que mais nom cobram, o que causa a justiça nom andar em vossas mãos.» —

— As cousas ecclesiasticas davam muito cuidado aos povos por aquelles tempos (1481-1482):

Lede com attenção o seguinte capitulo, e vereis a irregularidade que havia na ordenação dos clerigos, e a confusão que lavrava em assumpto de tamanho melindre:

— «Item, senhor, huma cousa se faz em vossos regnos, em prejuizo de vossa jurdição e justiça, per os bispos e prelados de vossos regnos, os quaaes com cobyça desordenada dam hordees a homees de vinte trinta annos que nom sabem leer, nem sam examynados, e as tomam por escapar a vossas justicias dallguus mallaficios que esperam cometer, e nom com tenção de serem crerigos e servirem a igreja, que he a principal causa por que os bispos devem ordenar as pessoas, e pior he que dan hordees a homees casados, de que a Igreja nom tem esperanza de serem crerigos e servirem em ella, ho que se faz por defraudar em vossa jurdição escapando aas penas corporaes que por seus delictos merecem. Seja vossa mercee de encomendades aos bispos e prelados de vossos regnos, por bem de justiça, e se refrearem os mallaficios de cometer que em estrevimento das hordees (*que pela confiança e ousadia que dão as ordens*) se cometem, e que nom deem ordees meores senom aaquelles de que ha esperanza que recebam ordees sacras, e sejam crerigos de missa e servam a igreja, e ao menos sejam latinados (*tenham aprendido o latim*), sendo examynados quando querem receber as ditas hordees, e nom se deem hordees de camara como os bispos e prelados muitas vezes dam a quem as nom merece, por se ysentarem de vossa jurdição e escaparem aas vossas justicias; e per aqui se refrearem cometerem-se muitos mallaficios, que em estrevimento das hordees asi dadas se fazem. E com esto fareis muita mercee a vossos povos.» —

O s b erano respondeu «que lhe tinha em serviço o que apontavam; e assim o entendia fazer.»

Mas, muito mais grave é outro capitulo que tambem encontramos a respeito do clero. A falta de dignidade, e a devassidão desta classe — que deve ser *o sal da terra e a luz do mundo* — dava nos olhos dos seculares, a ponto de julgarem indispensavel chamar a attenção do soberano, e pedir providencias que atalhassem tamanho escandalo.

Lede, com attenção, o seguinte capitulo, em toda a ingenuidade da lingua antiga, um tanto rude, mas energica e franca:

— «Senhor! muito disolutos sam os crerigos, frades, e pessoas religiosas em vossos regnos, asi

em vida como nos trajos, dando maaõ em exemplo aos leigos, que delles devem aver doutrina e booa edificaçom per emxemplo de booa vida: andam como rofiaces e cometem outros muitos mallaficios sem receo, porque sabem que nam ham daver pena por seus malles. Seja vossa mercee de encomendades a seus prelados que lhes ponham regra no seu viver e em seus trajos e abitos, tragam suas coroas grandes, e o cabello que lhes pareçam as orelhas, segundo desposicam do direito canonico, e seus vestidos onestos, e nam tenham mancebas, suas arnias sejam lagrimas e oraçoões, e tragam o briviario sob o braço, em rezar e dizer suas misas muy onestas e em seu viver limpos, e nam ponham scandallo no povoo como muytos fazem per emxemplo de seu maaõ e desonesto viver, e asi dam maaõ emxemplo ao povoo, e por sua maa vida os leigos nam teem devaçom de lhes pagarem as dizemias como devem, e sam causa de pecado; e vivendo segundo devem muito edificaram nos leigos. E esto que se diz nos Crerigos se deve fazer nos frades, religiosos e religiosas, e as beguinhas (*beatas*) que fazem conventiços de fóra e nam querem tomar hordem aprovada onde fazem a Deus pouco aprazentos e contra seu serviço e injuria sua. Sejam costringidas de entrarem nas hordees aprovadas onde sob regra servam a Deus, e em maneira allguma nom lhes consentam laaes conventiços e ajuntamentos sem regra e hordem aprovada e nam serem em scandallo do povoo e asi cesará quanto mal se faz em injuria de Deus ataaqui nom castigado nem emmendado per crelegos, frades, religiosos e beguinos que mais sam aparentes que existentes.» —

O soberano respondeu, que escrevia aos prelados no sentido do que representavam. No que respeitava ás mancebas, já tinha revogado as cartas que haviam alcançado para que os alcaides e os meirinhos as não prendessem por certos annos.

Não era só neste particular, que os povos se queixavam do clero. — Nas Cortes de 1498 pediram providencias contra um abuso intoleravel, que os leitores vão ver no extracto seguinte:

— «Item ao que dizeis do damno, e inconvenientes que se seguem por muitos nossos naturaes arrendarem algumas rendas da igreja, e que sem embargo de terem dado fianças, os prelados não deixam de os excommungar, quando lhes não pagam, procedendo a por interdictos nas Igrejas.»

— Os povos tornaram se demasiadamente severos a respeito das mancebas dos clerigos, a ponto de provocarem penas atrozes da parte do soberano. — Haja vista o seguinte capitulo, e competente resposta (1498):

Capitulo. — «Item ao que dizeis, e nos pedis, que por se evitar assi no espiritual, como no temporal, provejamos sobre a devassidão das mancebas dos Clerigos, a qual se solta cada vez mais por a pena da Ordenação ser pequena, e negligencias e culpas dos officiaes e justicias que hão de executar.» —

Resposta. — «A esto respondemos, que toda mulher que for comprehendida ser manceba de Clerigo, loguo da primeira instancia seja acoutada, e degradada para cada hum dos coutos de nossos regnos, e esto alem da pena que já lhe é dada por nossa Ordenação, e esta mesma pena nos

praz que ajam as mancebas dos homens casados.»

— Vejamos agora alguns capitulos, em que os povos davam mostras de uma louvavel independencia.

No reinado de D. Fernando.

Que os gados de El-Rei pastassem em lugares, em que não prejudicassem os Lavradores.

Que se fizessem Córtes de tres em tres annos.

No reinado de D. João I.

Que os copeiros d'El-Rei, dos grandes e dos prelados não entrassem nas adegas, nem dellas tomassem vinhos, havendo os atabernados nos lugares.

Que sabidos os mantimentos, que por ordem d'El-Rei, e suas justicas, se haviam tomado, se pagariam a seus donos.

No reinado de D. Affonso V.

Que os fidalgos não tomassem para seu serviço os filhos aos Lavradores.

Nas Córtes de 1460 obrigaram-se os povos á contribuicão de 150:000 dobras de ouro, para a corôa se desonerar das tenças e moradias que a aggravavam. — Entre as condições que expressamente estipularam, figuram as seguintes:

Que El-Rei em tempo nenhum poria tença por dote, ou casamento, obrigando para sempre a Fazenda Real.

Que dalli em diante se não lançariam fintas ao povo, salvo nos casos de maior necessidade.

Que a dita contribuicão não ficaria servindo de exemplo para ser repetida.

Em 1473 foram offerecidos os seguintes capitulos: —

Sobre El-Rei não tomar tantos fidalgos para serviço da Casa Real: a idade e moradias que deviam ter: que só por grandes serviços podessem fazer fidalgos, e o regimento que estes deviam guardar em suas despezas.

Sobre El-Rei não trazer em seu serviço mais do que as pessoas precisas, e que estas não fossem casadas, salvo os Vedores da Fazenda.

Sobre El-Rei não alhear da Corôa os bens, salvo por serviços grandes, e a grandes pessoas.

Que se não concedesse licença aos Prelados do reino para passarem a Roma á pretenderem capellos.

No reinado de D. João II.

Sobre El-Rei não tomar para o Paço mais que os escudeiros e cavalleiros que lhe fossem necessarios para seu serviço.

Sobre El-Rei diminuir o numero de seus criados, como porteiros e reposteiros, etc.

— Desejando não enfadar os leitores, tenho-me limitado a apontar poucos e breves exemplos, — quando, aliás, podera apresentar um sem numero destes.

— No ar'igo immediato hei de indicar os raros vestigios do impulso dado pelas Córtes antigas ás cousas da instrucção publica.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

Duas cousas me seduzem — as mulheres e os perfumes; mas felicidade pura só a acho na oraçãõ.

MAROMET.

Com pouco nos consolamos, porque bem pouco basta para nos affligirmos.

PASCAL.

OS HARENS NA TURQUIA

Já hoje sabem todos que impropriamente se dá o nome de *Serralho* ao que deve ser conhecido pelo nome de *Harem*.

Serralho (Serai) é o nome commum de todo e genero de palacios na Turquia e em especial dos dois grandes edificios em Constantinopla, residencias imperiaes do Sultão, e das viúvas dos Sultões.

Harem; é uma palavra arabe que tanto diz como *defeso*, *prohibido*, e significa propriamente o aposento que os Orientaes reservam para as mulheres.

Como é tambem sabido, nenhum homem tem direito de entrar nos Harens, á excepção dos medicos, e das pessoas incumbidas de levar agoa; sendo que a entrada desses aposentos é guardada com o maior rigor pelos eunucos (*taouachis*). — A sumptuosidade proverbial dos Harens tem diminuido consideravelmente nos tempos modernos; assim mesmo são ainda hoje os aposentos mais ricos e mais adornados das habitações orientaes, — e alli conservam os Turcos os seus thesouros e as suas maiores preciosidades.

A Georgia e a Circassia, onde as mulheres são admiravelmente bellas, hão sido o viveiro d'onde sahe a povoação formosa, mas infeliz dos Harens; e a Abissinia tem fornecido as escravas pretas que estão ao serviço das *odaliscas*.

Supponho familiarizados os leitores com as noticias relativas á religião mahometana, que permite aos mussulmanos a polygamia e o entretenimento de custosos harens. — Tambem os supponho conhecedores das singularidades do modo de viver das formosas creaturas que encontram n'aquelles encerros, em trôco da perda da liberdade todos os requintes do luxo, os adornos e os enfeites, bem como a distracção da musica, das danças e ds ojogos. É facil porém de conceber que esta compensação, por maiores proporções que lhe demos em nosso imaginar, não pagam as tristezas da monotonia de tal existencia, nem, muito menos, a cruel privação da liberdade.

Maior novidade terá para os leitores um episodio da vida do principe Eugenio, filho adoptivo de Napoleão I. — No Egipto, durante a famosa expedição de Bonaparte, foi Eugenio encarregado de ir dizer á mulher de Mourad-bey, que a sua casa e bens seriam respeitadas, e que poderia ella confiar na protecção dos francezes, uma vez que se abstivesse de manter a menor intelligencia com o inimigo e promettesse não dar asylo aos mal intencionados. Aquella senhora recebeu Eugenio com a maior distincção servindo-lhe ella propria o café; fez os maiores protestos de lealdade; e para o convencer de que não occultava no seu palacio pessoa alguma suspeita, quiz que elle fosse em sua companhia dar uma busca a todos os aposentos. Ao rez do chão atravessaram vastas camaras, onde havia inumeros acervos de coxins e almofadas; e por bom signal que teve Eugenio verdadeiro susto de que daquellas pilhas surgisse um Mameluco dos muito habeis em decepar cabeças.



Os harens na Turquia

No primeiro andar do palacio estavam as mulheres do *Harem* de Mourad-Bey, — as quaes, ao verem um ente — para ellas tão estranho, deram mostras de um grande espante, e, o que é mais, de uma curiosidade extravagante, e um tanto menos grave... que tornou indispensavel a intervenção dos eunucos.

A GALATEA MODERNA

(Continuado de pag. 199)

XXV

A entrevista

Alfredo, assim que leu a carta de Violante, ficou pensativo e triste! Porque? São estes os mysterios d'alma. Elle que amara Violante com todas as veras do seu coração apaixonado; elle, que jurára vingar-se prostando a seus pés aquella que o havia ludibriado, agora, que estava prestes a alcançar o seu mais entranhado desejo, pelo qual havia luctado, a recompensa de todos os seus trabalhos, o premio desse viver louco, dessa comedia, que representára com o sorriso nos la-

bios e o gelo no coração, sentia-se oppresso, esmagado, timido, e receiava-se da vingança, porque á nobreza do seu character repugnava o castigo, que premeditára.

Parece, porem, que um destino mais forte venceu todas as suas hesitações.

Era já noite cerrada, uma dessas noites perfumadas, cheias de soidos e amores, quando Alfredo entrou no palacete habitado por Violante.

Mal o viu subio-lhe uma cor intensa ao rosto, e os olhos, acostumados ao chorar, reluziram por entre o longo franjado das pestanas.

— Venceu, venceste, exclamou a gentil e formosa Violante, deixando pender a cabeça, e como que offerecendo-a em holocausto.

— Não! respondeu Alfredo. Quem venceu? Quem foi vencido? Não sei. Fui eu? Foste tu? Responda o futuro.

— Não zombe, Alfredo. Que maiores provas quer da minha fraqueza? Duvida ainda do meu amor? Quer que eu rasgue o coração e lho mostre palpitando só pelas lembranças do passado?

— Para que? Violante. É inutil. Eu nunca du-

videi do seu amor, nem do seu coração. Duvidei de mim, e duvido agora. Quer ouvir-me? Prouvera a Deus que jamais me fivesse amado, porque não estaria agora perguntando a mim-mesmo, se estou aqui como amante preferido, se como esposo ultrajado. Sim, Violante, ouve-me. Tenho a cabeça em horrível confusão. Julguei-me mais forte. Não sei se sou juiz ou réo, e talvez uma e outra cousa ao mesmo tempo.

— Alfredo! Alfredo! bradou Violante contorcendo os braços em um espasmo de dor. Pelo amor de Deus! não recordes o passado. Oh! não me revoques aos tempos que foram. Deixa-me esquecer de tudo, de tudo, excepto de ti, de ti, que és a minha vida, a minha luz, a minha alma. Deixa-me viver para ti, para ti sómente. Deixa-entranhar o coração no teu. Encosta a cabeça aqui no meu seio. Não o sentes palpar? Não sentes as minhas lágrimas? Que os teus labios sejam a tassa, que aparem os meus prantos. Deixa-me chorar. É tão doce este pranto, que goteja das ultimas fibras da alma! Não me recordes o passado. Sou tão desgraçada! Olha, Alfredo, a minha felicidade hoje, que sou culpada e esqueci tudo, tudo, é chorar ao pé de ti.

— Não! não! Ouve-me. É necessario que me ouças. Depois, quem sabe! poderemos ser felizes, e como derradeiro recurso, resta-nos a morte.

— Dize! dize! já que assim é necessario. Ah! meu Deus! O passado! o passado! Quem podesse esquecer tudo...

— Ah! Violante. Dizes bem. Quem podesse esquecer tudo? Mas de tudo me lembro, de tudo me recordo. Não me abraces. Tu és pura e innocente. Amas-me, sempre me amaste. A tua culpa foi brincar com o amor, com essa fogueira, que tudo devora. Se eu podesse esquecer... não tinha feito uma jura fatal. Que horas de angustia passei! Pensava em ti, nos momentos em que te contemplava, e ao ver desabar todo esse edificio de felicidades, que eu havia architectado, protestei vingar-me, derrubando tambem o que houvesse construido. E agora, Violante, ainda me castigas, ainda me matas, dizendo-me que me amas. E agora, que eu vinha como um espectro vingador calcar aos pés os teus affectos, aventar para longe todo o teu amor, ajoelho a teus pés, e digo-te louco e insano: amo-te! amo-te! amo-te!

— Ah! Tu amas-me, Alfredo, tu amas-me? Ah! repete-me essas palavras. Que o meu tympano jamais ouça outras; e que nelle seja um rebôe ecco perpetuo dellas. Tu amas-me? Assim é necessario para não morrer no desespero.

— Mas ouve, Violante. Eu amo-te. Para que negal-o? Tu amas-me tambem, não é assim? Pois este amor, que seria a nossa ventura suprema, é monstruoso agora. É um impossivel hediondo. Eu podia vingar-me abraçando-te, enleando-te, sorvendo esses prantos, que sulcam o teu rosto lindo e saraphico. E depois, cuspir nessa felicidade, que me offertavas, mostrar-te nua como uma bachente, impudica corao uma Messalina, em irrisão ao povo. Poderia então dizer, apontando para ti:

Eu amei esta mulher, amei-a como um louco. Levou-me mocidade, esperança, futuro, alma e coração. Tudo me levou, até a propria honra, que aliro agora á lama, como derradeira homenagem ao vicio, que se mostra. Esta mulher, que tudo me roubou, soffre agora o castigo das suas iniquidades. O amor tardio della tornou-me infame. E se tu, Violante, quizeses vingar a affronta matando-te, cravando no peito o punhal libertador, eu suicidar-me-hia sobre o teu cadaver, e o mundo diria, ao ver-nos abraçados até na morte: são dois cadaveres que vão tripudiar no tumulo. Percebes isto, Violante? Eram estes os meus projectos. Porque os não cumpro? É que o amor que te consagro é superior a tudo.

— Tu não fazes, tu não podes fazer isso, Alfredo, interrompeu Violante, fitando os olhos lindos e humidos no amante, ao tempo que estendia as mão supplices na attitude sublime da Magdalena arrependida. Morrer! Para que fallas na morte? Alfredo. Pois não soffremos tanto? Não está ainda cheia, a transbordar, a taça dos tormentos? Vivamos juntos. Fugamos. Olha, Alfredo, olha p mim. Juro que hei de dar-te a felicidade. Escolhamos um deserto, onde não chegue o murmurar do mundo, nem as lembranças do passado. Sere-mos tão felizes! Até o mesmo pranto me fora consolação, pois lavára com elle a culpa ainda não expiada dos meus desvarios.

— Ai! Violante, porque não pensaste assim, em outros tempos!

— Porque? Ainda mo perguntas? Ingrato! Por que te amava, e era pobre.

— O que dizes?! Seria possivel?

— Sim. Queres evocar o passado? Evocal-o-hei. Eu amava-te, amei-te assim que te vi. Espirito altivo e generoso, vendo meu pobre e alquebrado pae quasi na miseria e nudez, nenhum sacrificio me custara para lhe trazer o esplendor, em que se creára. Eu sabia que por contracto entre meu pae e o teu, eras chamado a desposar-me. Quando te avistei fiquei agastada com a sorte que fizera airoso, bem parecido, elegante e intelligente, aquelle que pretendia a minha mão. Queria a todo o custo um sacrificio. E, comtudo, conheci que te amava. Pensava sempre em ti, via a tua imagem em toda a parte, perseguia-me a tua lembrança. Foi então que comecei a pensar maduramente na minha sorte amarga. Por entre as travessuras de rapariga azougada lembrava-me o convento como refugio. Não podia affazer-me idea de dever a opulencia ao amor, que eu queria desinteressado da minha parte. Quando pensava em ti lembrava-me logo a vida dourada dos eleitos do mundo; via-me cercada de riquezas, adorada de todos, centro attractivo de todos os louvoaes. Inexperiente, mal sabia se te amava por interesse. Venceu, afinal, a altiveza do meu caracter. Antes a pobreza e a miseria por companheiras, do que o remorso. Antes o convento, a solidão do claustro, o silencio da crasta, do que o ruido do mundo, as festas, os bailes. Antes a lage humida e fria da cella, do que os coxins

fosos e macios. Fugiu então de ti. Injusta e sarcástica, replicava-te com azedume. Como fiquei contente e alegre quando te foste embora! Tinha consumado o sacrificio. Ao principio correu-me a vida presenteira. Conquistára a propria estima. Depois senti a vacuidade do meu pensar. Lembrei-me de ti. De longe em longe, mas cada vez mais repetida e nitida, surgia a tua imagem, accusando-me de perfida e ingrata. Vi-te outra vez, e o mesmo foi ver-te que abrir-se o volcão. Ralada pelo ciúme e pela solidão, atraçoada por uma amiga indigna, cheguei ao extremo de lutar entre o suicidio e os tormentos incomportaveis. Tal foi a minha vida. E queres ainda abandonar-me? Queres outra vez deixar-me ensanguentada e nua á beira do caminho? Queres atirar comigo outra vez ao abysmo? Que nos importa o mundo? Fugamos. Fugamos para longe. Vamos acoitar-nos em sitio bem escuro e retirado. Sejamos ávaros da felicidade.

— Não! não! Violante. A felicidade já não existe para nós neste mundo. Nem mesmo poderemos morrer juntos. Somos como duas gotas de agua que caíram ao mesmo tempo do céu sobre o pináculo de uma cordilheira. Uma das gotas deslisou por uma vertente, juntou-se a outras, a um numero infinito dellas, fizeram todas um regato, e arrastadas por forças irresistiveis, despenharam-se, até que, formado um rio caudal, foram unir-se ao oceano. A outra gota despenhou-se pela vertente opposta e lá foi cair tambem no mar. Perdidas na amplidão, quem sabe se tornarão a unir-se as duas gotas tão irmãs, tão gêmeas? Entre nós, Violante, que nascemos um para outro, ergue-se uma cordilheira. Tu despenhas-te-te por um pendor; eu seguí o outro. Praza a Deus que no oceano da morte nos encontremos ainda. Esta a derradeira esperança, que aviventa a minha alma.

— Não me dilaceres o coração, Alfredo. Pois acaso um desvario pode gerar taes desgraças? Pois o grão de areia tornou-se montanha? Ah! Tu não me amas, e amas outra... talvez.

— Não. Amo-te. Se eu pudesse rasgar o passado, com os proprios dentes; se eu pudesse dilacrar a memoria, essa faculdade, que só os desgraçados possuem, seria teu, só teu, ó Violante. Mas assim?!... Não! É impossivel! Não posso!

— Por Deus! O meu adorado, não me abandones. Sou uma mulher fraca. Perdoa-me porque te amo. Jesus perdoou a Magdalena. Não tentes a Deus porque póde castigar-te. Leva-me, leva-me contigo. Não vês como me rojo pelo chão? Seguir-te-hei de rastos. As rosas de que gostares regal-as-hei com os meus prantos. Só terei mãos para arredar as pedras do teu caminho. Deixarei a carne e o sangue nas sarças. Que me importa? Acaso não és tu a minha vida?

E Violante, pallida, lacrimosa, com os longos cabellos soltos, com o seio nu e arquejante, formosa como Santa Thereza quando se abraçava á imagem de Christo nos extasis do delirio e da paixão, apertava as mãos de Alfredo, que a con-

templava triste e melancolico, e não menos agitado.

— Fugamos, bradou Violante com a voz rouca e intercortada de soluços. Fugamos. Sê meu, como sou tua.

Alfredo fez um derradeiro esforço. Ergueu-se, levantou Violante pela cinta, amparou-lhe a cabeça, que pendia para traz, e fixando os olhos nos della, collando-lhe os labios, abraçando-a como louco, bradou:

— Impossivel. Se queres, se é necessario para provar o meu amor arrancar o coração e dar-to, toma-o, abre-me este peito, rasga-me as entranhas, bebe o meu sangue. Mas a felicidade acabou para nós, e jámais principiará de novo.

— Ah! Tu não podes esquecer o passado! Ah! tu não te lembras que sempre te amei! Ah! tu és mais implacavel que o remorso, e do que o proprio demonio, exclamou Violante levantando o corpo, limpando os olhos, e apertando as mãos, que ella dirigia para Alfredo: Ah! tu não queres perdoar-me... E attentando derepente em Alfredo que com as mãos apertava a cabeça, desatou outra vez em choros e soluços e continuou:

— É necessario morrer. Fique-lhe ao menos o remorso da minha morte como lembrança.

E Violante, louca, perdida, arquejante, com os olhos desvairados, e as mãos tremulas, cambaleante, como se fosse ferida no coração, batia com a cabeça nas paredes, procurava uma faca, um instrumento qualquer, que enterrasse no peito.

— Desgraçada! exclamou Alfredo, que lhe agarrou os braços. Desgraçada! Lembra-te de teu filho, tua salvação e meu tormento.

— Ah! bradou Violante, levando as mãos ao coração, como se o peito se lhe abrisse derepente. E, erguendo-se, caiu logo hirta e fria como um cadaver.

(CONTINUA)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

UM CALCULO ESTATISTICO, QUE DÁ OCCASIÃO A GRAVES MEDITAÇÕES

O homem, dominado pelos impulsos da ambição, ou deslumbrado pelas grandezas do mundo, ou absorvido pelas distracções e passatempos, ou — na melhor hypothese — engolphado nas lidas da intelligencia... raramente medita na brevidade da vida, ou antes, discorre e vive na illusão de que tem adiante de si — na terra — innumeros annos, infindo espaço de tempo, talvez uma eternidade!

Daqui provém a creença, em que se embala, da *seriedade* da existencia; daqui provém a disposição em que está sempre para amontoar em torno de si a riqueza, as honras, os meios de recreação, com tamanho fervor e afan, como se houvesse de permanecer na terrena morada por seculos sem conto!

E, contudo, o calculo estatistico que, no anno de 1846, li em um escripto francez, evidentemente mostra que a vida do homem, brevissimo espaço na duração, é infinitamente mais curta do que á nossa illusão parece.

Attentae bem no calculo, a que alludo, e que ora vou offerecer á vossa meditação:

Ha mil oitocentos e quarenta e seis annos (hoje, 1867) que nasceu Jesus Christo; e, comtudo, não nos sepára daquella época mais do que a vida de *trinta e sete* homens de 50 annos; ou a de *dezoito centenários*.

Applicando esta medida de tempo á creação do mundo, ve-se que não ha de intermedio, desde Adão até 1846, mais do que a vida de *cento e dezeseite* pessoas de 50 annos, ou de *cincoenta e oito centenários*, que todos os seculos produzem.

Este resultado exactissimo não está em desharmonia, embora á primeira vista pareça estar, com o seguinte quadro estatístico de mortalidade:

Admittindo que o nosso globo seja habitado por um milhão de milhões de individuos, e que o termo médio da vida seja de 33 annos, resulta que morrem por dia 86:400 pessoas, ou 31 536:000 por anno. O milhão de milhões da população do globo desaparece, pois, no curto espaço de 33 annos! Alem disso, como o numero 31.536:000 individuos, que morrem por anno, é igual ao numero dos *segundos* que compoem o anno, não ha duvida que em toda a terra morre um individuo em cada *segundo*.

Assim: dezenove seculos, ainda cincoenta seculos, são um atomo na duração do universo, contados pela medição humana; e a vida do homem, sonho de umá sombra—na phrase da philosophia antiga, é uma entidade microscopica, imperceptivel na chronologia do mundo!

E agora... lembrêmos ao orgulho do nascimento, ao da riqueza, ao da sciencia, a todos os orgulhos de variada especie — lembrêmos-lhe que não é fóra de conta meditar naquillo da Escripura: *Se a sua soberba subir até ao Céu, e a sua cabeça tocar nas nvens... como sonho que vò não será achado; desaparecerá como visão nocturna.*

— Que é isto?... Quereis acaso condemnar a humanidade á indolencia, á inercia, quando lhe apresentaes estes calenlos — que trazem consigo o desanimo, o desapego da vida terrena?

Não, mil vezes não. Em quanto o homem permanece sobre a terra, é forza que trabalhe. Segundo a aptidão que a natureza e a educação lhe houverem dado, cumpre que elle dê exercicio á sua actividade, melhore incessantemente a sua condição, se torne prestavel á commuidade, e procure elevar o estado social ao maximo gráo de perfeição. Se ao individuo cabe um curto espaço de existencia, a humanidade—no seu complexo e successão—tem seculos diante de si, e á humanidade será sempre proveitoso, que a toda a hora se inspire o individuo do nobre pensamento da antiguidade:

Serit arbores, que alteri seculo prosint.

O que se pretende é que a individualidade humana, meditando sobre a brevidade da vida, sobre a curta duração de cada creatura racional, dê demão ao orgulho — que a faz crer um Deus sobre a terra; á avidez do interesse — que lhe rouba o generoso instinto da sympathia; a todos os frenesis da ambição — que o tornam insaciavel e desatinado; a todos os impulsos do odio e da vingança — que o tornam feroz e sanguinario.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

Os grandes pensamentos nascem no coração.

VAUVENARGUES.

A***

Minh'alma é ave implume,
erguer um vôo tenta,
buscando em ti refugio
das iras da tormenta.

Minh'alma a ti se acolhe
qual debil maripoza,
que poisa embriagada
nas petalas da roza

Minh'alma é como a essencia
que á tarde exhala a flor;
aspira a um ceo purissimo
ao ceu do teu amor.

Coimbra

A. X. DE SOUSA CORDEIRO

Aperçu historique sur les epidemies de Cholera-morbus et de fièvre jaune en Portugal, dans les années de 1833-1865. Par le délégué du gouvernement portugais à la Conférence Sanitaire Internationale réunie à Constantinople Dr. Bernardino Antonio Gomes. Constantinople. Imprimerie Centrale. 1866. —

É uma publicação feita pelo doutor Bernardino Antonio Gomes em Constantinopla, no anno de 1866, na qualidade de delegado que foi do governo portuguez na *Conferencia Sanitaria Internacional*, celebrada, por iniciativa do governo francez, na mesma cidade de Constantinopla, e no indicado anno de 1866.

No que respecta a *Conferencia*, já demos a conveniente noticia no *Jornal do Commercio*, n.º 4074, de 23 de Maio corrente, por occasião de annunciarmos o *Relatorio sobre os trabalhos da Conferencia*, que o doutor Bernardino Antonio Gomes publicou na pouca em Lisboa.

Aqui somente nos cabe dizer duas palavras acerca do—*Aperçu historique*—.

O estudo attento da historia da epidemia de 1865 permittia apreciar as leis que regulam a marcha e o modo de propagação das epidemias de Cholera, e fixar o verdadeiro valor das providencias de restricção, que se lhe podem e costumam oppor — A demonstração feita com a historia da indicada epidemia, pretendeu o doutor Bernardino Antonio Gomes reforçar com a historia de todas as epidemias de Cholera, observadas em Portugal desde a primeira que se verificou em 1833 na cidade do Porto, da qual fora testemunha e elaborára a competente descripção. Tal foi a inspiração do escripto publicado, muito opportunamente, em Constantinopla com o titulo de *Aperçu Historique*.

Nesse escripto apresentava o author o resumo dos documentos officiaes portuguezes acerca da cholera e febre amarella, afóra noticias extrahidas de outras fontes, ou fornecidas pelas suas proprias observações; e reproduzia, no fim, tambem em francez, um trabalho que publicara em Lisboa no anno de 1858 — *Sobre a transmissibilidade e importação da febre amarella, da Cholera, e da peste*.

Quaes são os documentos officiaes portuguezes a que ha pouco alludimós? São os seguintes:

— *Relatorio da epidemia de Cholera-morbus em Portugal nos annos de 1855, e 1856, feito pelo Conselho de saude Publica do Reino. — Parte I.* Lisboa. Imp. Nacional. 1858.

NB. A parte segunda deste relatorio só foi publicada no anno de 1866.

— *Relatorio da epidemia de febre amarella em Lisboa no anno de 1857, feito pelo Conselho extraordinario de saude Publica do Reino creado por decreto de 29 de Setembro de 1857.* Lisboa Imp. Nac. 1859. —

O doutor Bernardino Antonio Gomes distribuiu exemplares do *Aperçu historique* por todos os membros da Conferencia Sanitaria Internacional, bem como tambem exemplares de todos os documentos officiaes e outros, a que se referia no seu escripto, e que o conselho de Saude Publica o encarregara de offerecer a Conferencia. — Aproveitou a oportunidade de fazer conhecer a boa organização do serviço sanitario em Portugal, e o modo por que para isso concorrem a intelligencia e zelo dos respectivos empregados. — Todos esses documentos foram devidamente apreciados pela Conferencia, e muitas vezes aproveitadas as valiosas informações que elles encerram: do que tudo podem certificar-se as pessoas que lerem o importante escripto, que já citamos com o titulo de — *Relatorio sobre os trabalhos da Conferencia Sanitaria Internacional reunida em Constantinopla em 1866*.

Muito bem antou o delegado portuguez em elaborar e publicar, apenas chegou a Constantinopla, o *Aperçu historique*, tendo a guiar os membros da Conferencia na apreciação dos documentos officiaes portuguezes, e na investigação de tudo o que respeitava as epidemias em Portugal, no sentido de lançar luz sobre a historia geral destes flagellos. Destarte lograva tambem o nosso delegado offerecer desde logo o fundamento das doutrinas que havia de sustentar perante a Conferencia, não menos que exprimir a sua convicção sobre a transmissibilidade da cholera e da febre amarella.

— Se em uma noticia bibliographica não me é permittido entrar em desenvolvimentos amplos, — quiz ao menos indicar aos leitores os subsídios diversos, a que podem recorrer para se inteirarem cabalmente de um assumpto que tão vivamente interessa a humanidade.

Lisboa, 28 de maio de 1867.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

Typographia Franco-Portugoeza. Rua do Thesouro Velho n.º 6